

# Cartas

## Bibliotecas

Meu filho, de 16 anos, vai sempre à Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, e frequentemente volta para casa frustrado. É que, numerosas vezes, ao entregar o formulário de requisição de livros, o funcionário lhe informa: "Esse livro está num local onde não há funcionário para manuseá-lo. O funcionário faltou e não há ninguém para substituí-lo. Nada feito. Você não pode ser atendido". Isso já aconteceu oito vezes este ano. E certamente centenas, talvez milhares, de consulentes deixam de ser atendidos semanalmente, porque funcionários da Biblioteca Nacional faltam ao serviço, a chefia não providenciou substitutos e a cultura que vá para o diabo. Seria oportuno também salientar que, enquanto em dezenas de países as grandes bibliotecas funcionam diariamente, de segunda-feira a domingo, inclusive feriados, de 8h às 24h, a nossa Biblioteca Nacional só está aberta cinco dias por semana, das 10h às 13h30m. E, mesmo assim, tem sempre pelo menos um andar sem funcionários que providenciem o atendimento. Como cada andar deve conter, segundo me consta, cerca de uns 150 mil livros, é fácil imaginar a negligência. Luiz Peixoto Siqueira — Petrópolis (RJ).

Ao ler a excelente reportagem publicada no Caderno B de 4 de maio sobre a Biblioteca de Letras da UFRJ, apresse-me a relatar uma experiência administrativa vitoriosa e que talvez sirva de diretriz na solução de problemas semelhantes, tendo por base o artigo que disciplina a "notória especialização" prevista no Decreto-Lei nº 200/67 (Reforma Administrativa):

- 1) até 1975, funcionava, no antigo prédio do Ministério dos Transportes, no Rio de Janeiro, a biblioteca especializada em Engenharia, do Centro de Documentação e Publicação (Cedop), com elevado índice de usuários e eficiência operacional;
- 2) ao ser determinada a transferência daquele acervo para Brasília, o então diretor do Cedop, Coronel Francisco Ruas Santos, sentiu a necessidade da urgente restauração de coleções e livros raros, antes de seu definitivo encaminhamento à Capital do país;
- 3) com base no citado Decreto-Lei, o Coronel Ruas entregou o volumoso serviço à bibliotecária Miriam Boechat Machado, professora da especialidade no Colégio Bennet, contando ainda em seu curriculum cursos de pós-graduação na Europa especificamente sobre restauração de livros;
- 4) os serviços realizados na biblioteca do Ministério dos Transportes, já oficialmente instalada em Brasília, incluíram tratamento contra mofo, traça e cupim e ainda proteção contra problemas climáticos do Distrito Federal;
- 5) que o Ministro Eduardo Portella, considerando a orientação do próprio Tribunal de Contas da União para casos semelhantes, possa tomar conhecimento dessa vitoriosa solução administrativa e aplicá-la na Universidade de Letras, onde também teve atuação de mestre, como no antigo curso de Jornalismo da Universidade do Brasil, onde foi sua aluna. Iva Pereira — Rio de Janeiro.

Como membro da recém-criada Associação de Pais e Professores da Escola Municipal Brigadeiro Eduardo Gomes e estando juntamente com outros pais, alunos e professores empenhada na organização da biblioteca da escola, solicito o auxílio dos senhores editores no sentido de nos doarem algumas obras. Aceitamos livros de qualquer gênero, exceto livros didáticos, para crianças e adultos. A escola fica na Rua Gaspar de Magalhães, Jardim Guanabara, Ilha do Go-

Bahia. Rosângela Maldonado Silva — Rio de Janeiro.

## Decepção

O episódio descrito pelo JB de 23/4/79, na coluna Zézimo, sob o título O verdadeiro culpado, ocorreu comigo. Eu era o jovem ciclista, curioso, também operador da Faixa do Cidadão PXAB 1182, Segundo-Tenente QCCA — RNR com quatro anos e meio de serviço, engenheiro a serviço do Ministério dos Transportes e principalmente cidadão brasileiro, com todos os direitos e deveres.

Lastimável é a mentalidade de alguns soldados e de um tenente da PM, que ao invés de oferecerem a proteção necessária, oferecem a intimidação, agressão física e a detenção de um cidadão que se dispunha a prestar auxílio à polícia, ao motorista de táxi e a dois cidadãos norte-americanos que se encontravam em dificuldades muito provavelmente por não falarem o mesmo idioma. Mário Augusto Rodrigues — Rio de Janeiro.

## Mágica

Gostaria que se explicasse a mágica que o Governo fez neste último trimestre ao pagar os juros e correção monetária aos depositantes das cadernetas de poupança com o índice global de apenas 8,83%, segundo informações da Caixa Econômica Federal. Ora, se os índices de inflação oficiais são de 13,8% e a isso deveria ser acrescido 0,5% ao mês, num total de 15,3%, onde se encontram os 6,4% restantes? Antônio Luiz Campos — Brasília (DF).

## Solidariedade

Vitima de um surto agudo de doença endêmica, chamada colelismo amoroso, faleceu no dia 4 de abril no berçário da Câmara dos Deputados, a lindosa criança chamada Decência. Embora os habitantes dessa área desconfiassem de que o agente causador desse surto fosse um vírus de nome calúnia, que ataca sempre através de um mosquito nordestino, preferiram conviver com ele a aceitar a vacinação preventiva que lhe ofereceu quem fora picado e já tinha no sangue os anticorpos próprios para a autodefesa. Solidário com aquela infeliz criança, dei-lhe meu título de eleitor como mortalha, enterrando-o com ela. Nicanor Prezidio de Figueiredo — Rio de Janeiro.

## Desígnios contrariados

É de estarrecer constatar que uma instituição — Faculdades Integradas Bennett — cuja entidade mantenedora é a Igreja Metodista do Brasil, venha desgastando-se pela inépcia administrativa e a ausência de respeito humano, ao ponto de chegar ao descalabro e a uma verdadeira anárquica mesquinhez. O JORNAL DO BRASIL publicou em edição de 14/4/79 carta do leitor João Adibe e, em 18/4/79, carta do professor Augusto F. da Silva que, de forma inflexível, atestam o sobredito. Não satisfeita, a instituição metodista demitiu sumariamente e sem justa causa um total aproximado de 60 professores, quase todos titulares, e agora funciona infringindo as normas ditadas pelo excelso Conselho Federal de Educação, atentando contra os mais altos desígnios voltados para o ensino, com a substituição dos professores demitidos por interesses de política interna e duvidosa, ferindo os direitos humanos, a ética cristã e a justiça social. A. Dias de Carvalho — Rio de Janeiro.

## Reeducação

Escrevi ao Ministro da Justiça sugerindo a criação de cursos destinados a presidiários, utilizando um sistema de fitas gravadas e difundidas via rádio, alto-falantes etc., nas celas de

# Artes Plásticas

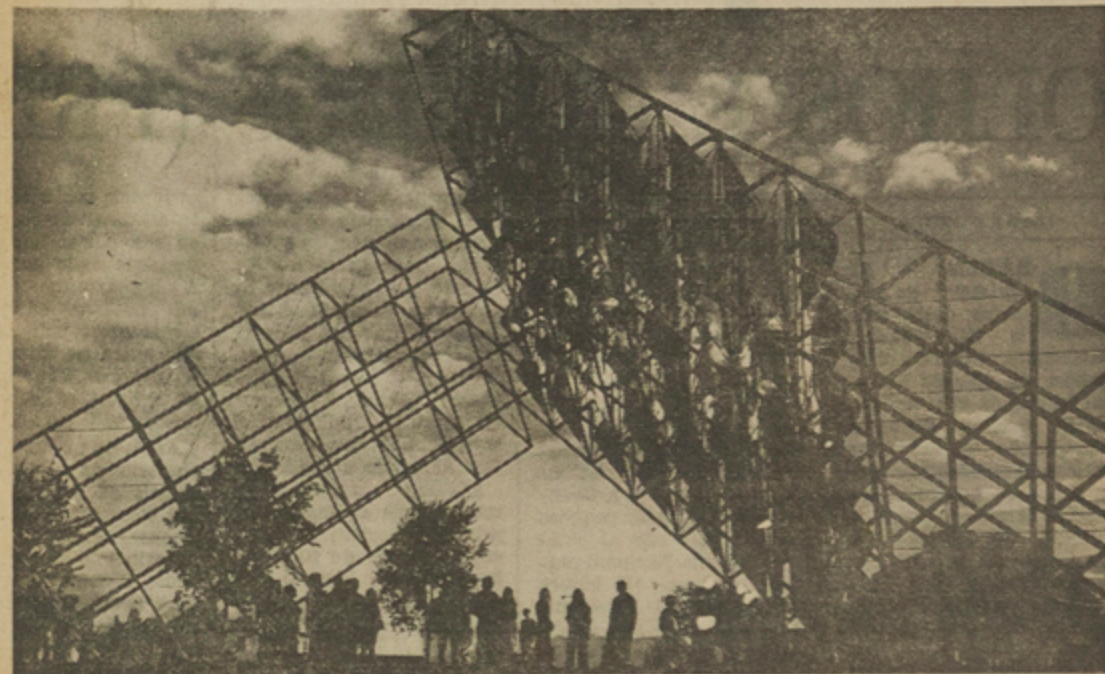
## CIRCULA A AMÉRICA LATINA

Roberto Pontual

S E 1978 foi um ano de evidente crescimento e fixação do interesse latino-americano pela arte surgida na própria América Latina, o primeiro semestre de 1979 já bastou para assegurar limites novos ao nosso circuito antes tão estreito. Nessa ampliação além-fronteiras continentais, menos do que a mera quantidade de elementos em jogo, importa a verificação de sua qualidade. Pois o estimulante em tudo isto que se está pouco a pouco cristalizando à nossa volta é o indicio de que começamos a ser olhados de igual para igual, sem a desvantagem do exotismo, com uma seriedade que vale como ponto de partida para a exata aferição de valores. Europa e EUA já não parecem superlucidamente surpresos com o que encontram emergente por aqui. Preferem referir e tratar com naturalidade, e mais abrangentemente, esse boom da arte e da consciência do fazer artístico na América Latina.

Observe-se, desde logo, o que ocorre com o último número, de abril passado, da revista italiana *D'Arts*, editada em Milão. Das suas 200 e poucas páginas, as 45 primeiras são dedicadas a textos de origem e foco latino-americanos. De início, o argentino Jorge Glusberg trata de Teoria das Instituições — tentativa de formular uma visão coerente e sistemática dos aspectos que constituem o campo cultural, ou seja, o campo das realizações humanas, a fim de enfrentar corretamente o problema da arte nos seus aspectos produtivos e reprodutivos. O texto se desenvolve de maneira ampla e geral, sem especificar circunstâncias restritas à América Latina. Mas o seu tom, atmosfera e tática são frutos de uma vivência e de uma perspectiva latino-americanas. Em seguida a Glusberg, no mesmo número 89 de *D'Arts*, o peruano-mexicano Juan Acha analisa histórica e criticamente o caminho contemporâneo da crítica de arte latino-americana. Lembra o quanto essa crítica custa a surgir no continente e como ela esteve persistentemente atrelada ao suporte literário até a abertura da década de 1950, momento em que nasce a crítica especializada. Crítica que "continua a privilegiar a metáfora e às vezes chega à utopia, raciocina em termos filosóficos, divulga novas idéias da arte, aperfeiçoa a análise formal e só de quando em quando se adentra no contexto social", como indica Acha. O pleno desdobramento dela teria se concretizado entre 1950 e 1975.

Para Juan Acha, estamos vivendo hoje uma nova etapa na crítica de arte na América Latina. Não ainda a sua nítida e vasta afirmação, e sim, apenas, as preliminares de uma atitude diversa das anteriores no mesmo campo de ação. Nessa etapa em começo, registra-se uma tendência à introspecção (mas não à introversão, como o autor se apressa em distinguir). Ela aponta para "o desenvolvimento de uma teoria estética capaz de corrigir tanto a subversão e os vícios do pensamento histórico-artístico hoje esclerosada-



A Ala Lunar de Sérgio de Camargo, recém-instalada no Museu de Belas-Artes de Caracas



Uma Ala Solar, em ferro e aço inoxidável, de Alejandro Otero, existente desde 1975, ao ar livre, em Bogotá

do, porém ainda predominante, quanto a inércia da crítica de caráter literário". Para isto, concorrem de modo decisivo duas circunstâncias: a falta de correntes novas provenientes dos países desenvolvidos e a crise atual das tradicionais idéias ocidentais a respeito da arte, "cujo pluricentário predomínio vai naufragando num mundo em que a heterogeneidade está estreitamente ligada ao dilúvio dos produtos tecnológicos, inclusive imagens industriais do consumo de massa". Some-se a tais fatores o despertar da consciência terceiro-mundista.

Completando o seu patente interesse pelo que há em surgimento na cena artística latino-americana, o número de abril último, da revista mencionada, traz também um texto meu sobre os modos de utilização da geometria na arte passada e presente da América Latina, bem como em torno do que se pretendeu com a mostra América Latina: Geometria Sensível, montada no MAM do Rio e em seguida ali inteiramente destruída no incêndio de um ano atrás. O texto ganha alcance maior por vir acompanhado de 17 ilustrações, reproduzindo obras de Joaquín Torres-García, Alfredo Volpi, Marcelo Bonevardi, Edgar Negret, Miró Schendel, Orlando Condoso, Antônio Dias, Paulo Roberto Leal, Carlos Rojas, Amílcar de Castro, Arcangelo Ianelli, Wilson Alves, Vicente Rojo e Alejandro Otero — alguns dos participantes daquela mostra.

Na mesma ordem de idéias, cabe acrescentar que o Museu Guggenheim, de Nova Iorque, estará apresentando, a partir do próximo dia 18 e até 12 de agosto, uma ampla retrospectiva do pintor mexicano Rufino Tamayo, comemorativa de seu octogésimo aniversário. Talvez como reflexo do tema central da 1a. Bienal Latino-Americana de São Paulo, em fins de 1978, essa retrospectiva obedece ao título Mito e Magia, buscando estabelecer as fontes e os desdobramentos da obra de Tamayo através do confronto de uma centena

de suas pinturas, desde os anos 20, com uma seleção de exemplares da arte pré-colombiana e da arte popular mexicana. No texto que preparou para o respectivo catálogo, o poeta e crítico Octavio Paz diz que a estética moderna abriu os olhos do pintor para que ele visse a modernidade da escultura pré-hispânica. "Então, com a violência e simplicidade de todo criador, ele tomou posse dessas formas e as transfigurou. Utilizando-as como um ponto de partida, pintou formas novas e originais". Paralelamente à mostragem no Guggenheim, o Centro para Relações Inter-Americanas, também em Nova Iorque, apresenta um conjunto de desenhos e gravuras de Tamayo.

Por fim, indicativa de novas maneiras de fazer circular a obra de arte latino-americana na própria América Latina — que tanto desconhecimento ainda mantém a seu respeito — há a boa notícia de um intercâmbio em marcha, quase em vias de concretizar-se por inteiro. É que o escultor brasileiro Sérgio de Camargo acaba de voltar da Venezuela, onde instalou, no esplêndido jardim do Museu de Belas Artes de Caracas, uma peça monumental de sua autoria — *Ala Lunar*, em mármore, reunindo 20 elementos idênticos para formar uma estrutura de seis metros de altura por três de largura e 60 centímetros de espessura. A instalação dessa escultura corresponde à parte inicial de um intercâmbio que se concluirá bem proximamente, quando o venezuelano Alejandro Otero trouxer para fixar, no Parque Ecológico do Tietê, em São Paulo, a sua *Ala Solar*, atualmente em final de preparação. A iniciativa do intercâmbio partiu de Aracy Amaral, quando, em meados de 1978, ela esteve em Caracas, participando do 1º Encontro Ibero-Americano de Críticos de Arte e Artistas Plásticos. Sua realização se está agora processando através das Chancelarias brasileira e venezuelana. Vale dizer, já não se trocam apenas, entre países, estátuas equestres, de sabor artístico passadista, mas, felizmente, também obras de arte de alta contemporaneidade.

# Teatro